Livro do desassossego

um evangelho por escrever

Cláudia Sousa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUSA, C. Livro do desassossego: um evangelho por escrever. In: MEDEIROS, A., org. *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 87-126. ISBN 9788578792794. Available from SciELO Books
<<http://books.scielo.org>>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Livro do Desassossego: **um evangelho por escrever**

Cláudia Sousa

Releio, sim, estas páginas que representam horas pobres, pequenos sossegos ou ilusões, grandes esperanças desviadas para a paisagem, mágoas como quartos onde se não entra, certas vozes, um grande cansaço, o evangelho por escrever. Cada um tem a sua vaidade, e a vaidade de cada um é o seu esquecimento de que há outros com alma igual. A minha vaidade são algumas páginas, uns trechos, certas dúvidas...

[...]

Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos (PESSOA, 1999, p. 97; p.164).

O processo inventivo de Fernando Pessoa rendeu, rende e renderá matéria-prima para os mais variados tipos de estudos, pois, diante de cada olhar, a obra pessoana assume um caráter metamórfico, oferecendo possibilidades de (re) leituras. Assim, sua fortuna crítica se torna grandiosa, num afluxo, aparentemente, de inesgotável exploração.

A capacidade para multiplicar-se parece estar irradiada pelo próprio nome do autor português. Ao tomarmos, criativamente, seu primeiro nome como um gerúndio, motivados pela proximidade morfológica que ele tem com essa forma verbal, podemos pensar que esse Fernando Pessoa se lançou a criar heterônimos, num movimento de pulsão contínua - cujo número não se pode, ainda, precisar -, por meio dos quais ele, Fernando, viveu *formando pessoas*.

Como abordar uma obra cujo próprio autor é um simulacro de escritor? Como analisar um livro que não o é? Investigar um *anti-livro* ou uma *subversão* seria um *desassossego*?

O *Livro do Desassossego*¹ – que teve a autoria atribuída ao semi-heterônimo Bernardo Soares (1999), ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa – é, curiosamente, um *corpus* relativamente pouco estudado, face à fortuna crítica dos demais heterônimos e de Pessoa, ele mesmo. Isso, provavelmente, decorre da própria história da concepção e composição até a estrutura e organização física do *Livro*, que teve a primeira edição organizada e transcrita pelas especialistas em estudos pessoanos, Maria Aliete Galhóz e

1 A partir de agora nos referiremos ao *Livro do Desassossego* (1999) como LD, seguido do número do trecho e da página.

Teresa Sobral Cunha, que foram as primeiras a se ocuparem em recolher os escritos referentes a esse *não-livro*. O *LD* vem à luz no ano de 1982, exatos quarenta e sete anos *post mortem* de Fernando Pessoa. Inicia-se uma comoção nos estudos sobre a obra estilhaçada e em prosa do poeta português.

Livro do Desassossego revela que Fernando Pessoa conseguiu – além da poesia, epopeia, ficção, crítica, teoria literária, etc. – manifestar-se através de mais gêneros textuais, a se dizer: fragmentos, máximas, aforismos e sentenças ou reflexões, mediante textos em prosa e de caráter ensaístico.

A intenção comunicativa do *LD* torna-se mais explícita do que a da maioria dos *corpora* literários deixados por Pessoa, uma vez que as categorias textuais supracitadas, ainda que carregadas de valor metafórico, assumem uma proporção metonímica, no sentido de concentrar, numa só matéria literária e filosófica, a visão do mundo que se pode extrair de toda a obra pessoana, uma vez que, no *Livro*, constatamos a multiplicidade de vozes latentes que denunciam o estilo peculiar, tanto do criador quanto das suas criaturas.

Logo, Bernardo Soares pode ser observado como um semi-heterônimo que se permite ao “fervilhar” de vários heterônimos pessoanos. E, ainda, pelos fragmentos do *LD*, observamos proposições que denotam alguns modelos de organização de mundo, expressando juízos de valores, com intenção de conduzir, direcionar, buscar respostas, num jogo filosófico que, em alguns momentos, parece buscar estabelecer paradigmas.

Ao se falar no *LD*, não é raro observar inquietações de diversas vertentes de estudos, pois ele é por natureza complexo e multifacetado, sobretudo para a época em que foi escrito. É uma obra aberta e, por isso, parcialmente incompreendida. Aspecto reconhecido pelo próprio autor:

Penso às vezes, com um deleite triste, que se um dia, num futuro a que eu já não pertenço, estas frases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei enfim a gente que me “compreenda”, os meus, a família verdadeira para nela nascer e ser amado. Mas, longe de eu nela ir nascer, eu terei já morrido há muito. Serei compreendido só em efígie, quando a afeição já não compense a quem morreu a só desafeição que houve, quando vivo.

Um dia talvez compreendam que cumpri, como nenhum outro, o meu dever-nato de intérprete de uma parte do nosso século; e quando o compreendam, hão-de escrever que na minha época fui incompreendido, que infelizmente vivi entre desafeições e friezas, e que é pena que tal me acontecesse. E o que escrevi isto será, na época em que o escrever, incompreendedor, como os que me cercam, do meu análogo daquele tempo futuro. Porque homens só aprendem para uso dos seus bisavós, que já morreram. Só aos mortos sabemos ensinar as verdadeiras regras de viver. (*LD*, 191, p. 198).

Por Bernardo Soares, Pessoa confessa seu potencial, insatisfação, transição e transformação interior, cujas subjetividades decorriam das suas experiências diante do mundo. Profeticamente, ele inscreveu o processo pelo qual

se tornou reconhecido e comprovou que sempre esteve à frente do seu tempo. Cumpriu um ofício como uma espécie de sacerdote da escritura fragmentária, que em tantos momentos nos faz refletir e transitar entre os universos sagrado e profano. *Corpora* literários e heteronímicos criados por Fernando Pessoa geram questionamentos inesgotáveis e muitos, ainda, permanecem sem respostas. Pois, no que tange ao *LD*:

[...] ficou como um projeto inconcluso, um conjunto de fragmentos escritos ao longo de toda a existência do poeta, e deixados por ele numa ordem (ou desordem) que nunca poderemos recuperar. Os textos, em sua maior parte manuscritos, numa caligrafia por vezes, críptica, foram traçados desordenadamente sobre toda a espécie de suporte. Alguns têm a menção *L. do D.*, outros não; alguns são datados, outros não. Pessoa hesitava muitas vezes em incluir ou não um fragmento no sempre adiado *Livro*, e em atribuir sua autoria semi-heteronímica. Esta foi inicialmente conferida a Vicente Guedes, posteriormente a Bernardo Soares. A revisão e ordenação final do texto ficaram, como outros projetos de Pessoa, irrealizados. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. XVI).

Vale salientar que muitos desses aspectos validam outras matérias-primas que ficaram por vir no fazer literário pessoano. Posteriormente, o *LD* passou a ser reeditado por diferentes organizadores e sofreu alterações na ordenação dos seus fragmentos, dadas as inúmeras possibilidades que Pessoa deixou em aberto. A prosa do *desassossego*

é fragmentária, no mais amplo sentido da palavra. Seu título não poderia ser mais pertinente, para os que sobre ela se debruçam, tanto para ler, pesquisar, criticar, quanto para ordenar o que ficou em plena desordem. Apesar de muitos dos fragmentos serem datados e com respectivos números de trechos, isso não facilitaria a composição deste *anti-livro*. É justamente neste ponto que o LD exerce uma espécie de fascínio e espanto diante da capacidade inventiva de Fernando Pessoa. Segundo Jorge de Sena, a respeito de Pessoa-Soares e do LD:

Sem talento romanesco ou dramático (que só a aceitação da vida *como acção* possibilita), e com faculdades de poeta lírico e de raciocinador gratuito, situado no cepticismo total (e por isso cepticamente crente de um extra-mundo esotérico que lhe compensasse a dinâmica da recusa dialética do ser e do pensar), Fernando Pessoa pulverizou-se nas suas virtualidades: «não evoluo, viajo», disse um dos Fernandos Pessoas. E era verdade – não evoluía para homem vivo, mas, como efectivamente veio a acontecer, para grande poeta morto. Um grande poeta que foi muitas pessoas, nenhuma das quais era ele mesmo, como ele mesmo não era quem se apresentava como tal (SENA, 1984, p. 183).

Pela fala de Sena, vemos que a complexidade do escritor português está – utilizando a imagem borgeana – para um verdadeiro *jardim de veredas que se bifurcam*. O estudioso denuncia Pessoa como um “mentiroso” acerca de si mesmo, posto que não se consiga precisar em quantos ele

se desmembrou e sob quantos ele se camuflou. É evidente que podemos dizer, a favor de Pessoa e apoiados na psicanálise, que cada um de nós guarda em si a multiplicidade que beira a esquizofrenia, mas quantos de nós teríamos a genialidade necessária para converter cada configuração de subjetividades em um produtor “independente”, dono de uma expressão própria e de grande valor artístico? Por enquanto, somente Pessoa. Assim:

Não podemos saber quão verdadeiros foram para si mesmos, ou qual nos mentiu. São demasiados poetas, para que possamos sabê-lo, e sempre estará, entre nós eles, o que fizeram e o porquê valem. [...] escreveu para ser, e ser com uma intensidade que raros poetas do mundo se deram a si mesmos; e o outro fê-lo para não ser, com uma persistência de suicídio de vida. Camões transformou suas frustrações em triunfos. Pessoa transformou em frustrações admiráveis os seus triunfos sobre si mesmo. Um é o ser, o outro o não-ser. [...]

É desse ‘desassossego’ que se apresenta o Livro. (SENA, 1984, p. 184-5).

É desse modo que passamos a conceber o *LD* como o livro que mais denuncia a dramaticidade, à qual Fernando Pessoa se dedicou: uma espécie de negação da própria vida. Um semi-heterônimo, simulacro de autor, com uma não-existência, cuja obra não ganhou uma versão, mas subverteu a tudo o que poderia se objetivar. O *desassossego* soariano segue uma via de mão dupla (dado que os

discursos, por vezes, contradizem-se) e se engrandece ao trilhar horizontes opostos.

Não são poucos os estudiosos da obra pessoana que afirmam constatar em Bernardo Soares uma multiplicidade de estilos de épocas literárias. Ele é (é porque não nasceu, morreu, nem sequer existiu) fragmentário, multifacetado e, portanto, híbrido no seu ser e no seu fazer literário. Soares é puro devir.

Assim se procura (im)possível evocação daquele in fiere que é, com o do Fausto – contrapartida poética do Livro do Desassossego recentemente revelada, ao que supomos, em toda a sua extensão –, projecção existência de Fernando Pessoa e igualmente projecção do seu devir literário, imagem mesma da complexa malha de progressos e regressos em que sempre esse fazer se institui e o Livro, em sua essência, necessariamente reproduz. Totalidade assim que, se bem entendemos, deve esta nova forma do Livro do Desassossego, em sua incerta luz, reflectir. (CUNHA, 1990, p. 10. Grifos da autora).

Luz incerta, que produz uma constelação de fragmentos, que se arremessam em vias por vir. O LD entrou para a história da literatura sorrateiramente. Todavia, após seu aparecimento, ele se dilata aos olhos dos pesquisadores e, na medida em que os anos passam, o livro se torna uma fonte inesgotável para as críticas e teorias literárias, filosóficas, psicanalíticas, etc. Paralelamente, a escritura fragmentária – com inúmeras nuances de subjetividades – permite-nos experimentar várias travessias de leituras pelas linhas do

diário íntimo, do ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Assim, “O *Livro do Desassossego* é uma armadilha infernal para a crítica, que nunca poderá dominá-lo como ‘obra’, nem descartá-lo como ‘lixo.’” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 219).

Os fragmentos do *LD* surgem em 1913, antes mesmo de Pessoa criar seu mais famoso trio de heterônimos, a se dizer, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Foi com o texto intitulado *Na Floresta do Alheamento*, que surgiu o projeto do *LD*, no qual a autoria é assumida por Pessoa, ele próprio. Ao lançar este texto, o autor destaca como sendo parte integrante do *Livro do Desassossego*, em estado de preparação. Preparação essa que tem como marco o ano de 1913 e passou a fazer parte do resto da vida do escritor português.

Antes de a autoria do *LD* ficar atribuída a Bernardo Soares, o escritor português cogitou o heterônimo Vicente Guedes para ser o autor do livro:

[...] *responsável alheio pelo Livro do Desassossego que numerosos projectos editoriais e trechos prefaciais de Pessoa-em-si [...] E, porque vem a colação, desde já se adverte para o útil cotejo dos trechos de apresentação de Vicente Guedes, por Fernando Pessoa, e daqueles, bem diferenciados, com que Bernardo Soares há-se a si mesmo prefaciando-se na outra maneira do desassossego que será mais continuamente a sua.* (CUNHA, 1990, p. 11. Grifos da autora).

Segundo Zenith (1999), o *LD* assumiu diferentes formas, ou seja, estilos textuais, com nuances de algumas tendências literárias. Inicialmente, assinado pelo próprio Pessoa, o *LD* apresenta fragmentos com estilo pós-simbolista e com títulos. Entretanto, ao longo do projeto do *desassossego*, os textos passam a ganhar um ar diarístico, íntimo e revelador das subjetividades do *eu* enunciator. Neste ponto, podemos observar, ainda segundo Zenith, que de “cariz mais pessoal, o autor seguiu o costume de se esconder por detrás de outros nomes, sendo o primeiro destes Vicente Guedes. Na verdade, Guedes começou por assinar só o diário (ou diários) que devia(m) fazer parte do *Livro do Desassossego*” (ZENITH, 1999, p. 20).

Posteriormente, a autoria do *LD* fica atribuída a Bernardo Soares. Sua escrita é arremessada para o universo literário. Curiosamente, Pessoa não definiu a data do nascimento do semi-heterônimo autor do *LD*, o que o faz diferir dos heterônimos mais populares criados pelo escritor português. Soares acompanhou seu criador até os últimos dias de vida.

Sobre o processo de semi-heteronímia pessoana, destacamos:

Não esqueçamos também os semi-heterônimos, menos importantes e não tão desenvolvidos e explicitados como personalidades, mas de interesse excepcional, principalmente Bernardo Soares, “ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa”. Pena é que o poeta não haja levado mais longe a sua *Teoria do desassossego* figurada aqui na mobilidade das

nuvens: *Nuvens... Hoje tenho consciência do céu, pois há dias em que o não olho mas sinto, vivendo na cidade e não na natureza que a inclui. Nuvens... São elas hoje a principal realidade, e preocupam-me como se o velar do céu fosse um dos grandes perigos do meu destino. Nuvens...*

[...]

Nuvens... Existo sem que o saiba e morrerei sem que o queira. Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o que sonho e o que a vida fez de mim, a média abstracta e carnal entre coisas que são nada, sendo eu nada também. Nuvens...

[...]

Pode afirmar-se sem receio que, com a criação dos seus heterônimos, Fernando Pessoa pôs em causa o mundo tradicional da nossa poesia, fazendo tábua rasa de determinados valores líricos como, ao mesmo tempo fazia tábua rasa de correspondentes valores intelectuais e sociais. Que na realidade os heterónimos figuram a transmutação alquímica dos elementos, na busca do *lâpis philosophorum* que é a chave da individualidade humana [...]. (QUADROS, [s/d], p. 186-92. Grifos do autor).

Diante da fala de Quadros, refletimos sobre os seguintes aspectos: a configuração da escritura em processo do *LD* pelas *nuvens*, que podem nos dar uma possível significação para a nebulosa que paira sobre o *Livro*, bem como o seu simulacro de autor. Essas *nuvens* destacadas por Quadros podem nos fazer pensar em certo plano pessoano de querer se fazer velar a *não-realidade* das multiplicidades de suas pessoas. Seria tudo simulacro (ou não) em face de

um semi-heterônimo? Pessoa não levaria mais adiante sua *teoria do desassossego*, porque ela permanece nas sendas de um devir e como o próprio Bernardo Soares afirmou: são tudo fragmentos.

Outro aspecto exposto por Quadros é o fato de que o escritor português “pôs em causa o mundo tradicional” (p. 192) não apenas da poesia, mas da prosa, das suas multifaces, desconstruindo e reconstruindo novos paradigmas para se pensar a literatura moderna, fazendo “tábua rasa de correspondentes valores intelectuais e sociais” (QUADROS, [s/d], p. 192), cujos axiomas foram extrapolados, muitas vezes pelos pensamentos filosóficos pessoanos, que fervilhavam através da sua capacidade inventiva e de sua capacidade de se multiplicar para significar a vida e as subjetividades humanas.

Esses são também os modelos de Bernardo Soares, não tão comprometido com fórmulas anteriores, mas com frequente emergência delas, há-de, por forma liberta e prevalecente, usar na sua fase final. Para esta fase se previa não só a adaptação dos anteriores caracteres psicológicos do semi-heterônimo, mas também dos trechos variadamente consistentes, conquanto diversamente atribuídos, e contemporâneos da máscara que, sob esse mesmo nome, escrevera [...]. (CUNHA, 1991, p. 16. Grifos da autora).

A prosa do *desassossego* pode ser uma espécie de libertação, posto que sob o pretexto de um diário íntimo, de uma *autobiografia sem factos*, Pessoa atua como uma espécie de

iluminado que lança seus raios para nossos processos de escritas, espaços de fruição, análises teóricas e críticas literárias, dado que o *LD* é de “extrema modernidade: obra fragmentária, obra aberta, obra da ausência e do vazio do sujeito” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 277).

Sob a égide de Bernardo Soares, que (d)escreve seu *desassossego* seguindo um estilo que pode, em alguns aspectos, assemelhar-se ao da Bíblia, porque nele está contida uma série de sentenças que expressam juízos de valor, de formas descontínuas que buscam, mesmo dentro de um pretenso *desassossego*, promover certa ordem ao caos interior e exterior do seu autor.

Acerca dos aspectos de várias narrativas reunidas dentro de um único *corpus* literário, destacamos:

O *Livro do desassossego* apresenta vários estratos históricos e, independentemente da data da redação de cada um de seus textos, estes ora pertencem ainda ao século XIX, ora apontam para o fim do século XX e, talvez, para o XXI. Tinha razão Jorge de Sena quando viu, no *Livro*, vários livros. Parece-me, entretanto, que tinha menos razão ao considerar só o último em data como o “efectivo”. Qualquer que fosse o projeto final de Pessoa, o *Livro* que ele nos deixou é esse conjunto de peças heteroclíticas, esse *puzzle* sem ajuste definitivo; e é essa heterogeneidade sem síntese que o torna, mais do que moderno, pós-moderno, se aceitarmos, heurísticamente, esse duvidoso conceito. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 277).

Entramos no século XXI e olhamos para o *LD* dentro das perspectivas pós-modernas, além de tantas outras, que nos revelam diferentes vertentes para se desenvolver estudos sobre um livro que abriga vários livros. Por vezes, encontramos um Soares clássico, moderno, niilista, decadentista, etc. Entretanto, nosso objetivo geral foi o de confrontar a leitura dos fragmentos soarianos, à luz de pressupostos críticos e teóricos acerca da escritura fragmentária. Logo:

A poética do fragmento praticada por Bernardo Soares não é, assim, a assunção simples e constante da fragmentação do sujeito. Soares oscila entre a constituição e a desconstituição do sujeito, aspira à sua consistência e padece de seu *fading*. Como a maré, o sujeito do *Livro* tem suas enchentes e suas vazantes e, no movimento geral, resulta em “alma de espuma” (I, 138), “ninguém” (I, 30) (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 281. Grifos da autora).

Ao longo da leitura do *LD*, deparamo-nos com esse drama de um sujeito que se apresenta em *ruínas*. Ruínas que podem ser produto das dúvidas em confronto com as *certezas* de um *eu* diante de uma vida caótica. Eis duas sumárias demonstrações dessas desintegrações de um sujeito cartesiano:

Para compreender-me, destruí-me.
Compreender é esquecer de amar.
Nada conheço mais ao mesmo tempo falso e significativo que aquele dito de Leonardo da Vinci de que se não pode amar ou odiar uma coisa senão depois de compreendê-la.

A solidão desola-me; a companhia oprime-me. A presença de outra pessoa descaminha-me os pensamentos; sonho a sua presença com uma distração especial, que toda a minha atenção analítica não consegue definir. (*LD*, 48, p. 81).

[...]

Tudo que nos cerca se torna parte de nós, se nos infiltra na sensação de carne e da vida, e, baba da grande Aranha, nos liga subtilmente ao que está perto, enleando-nos num leito leve de morte lenta, onde baloiçamos ao vento. Tudo é nós, e nós somos tudo; mas de que serve isto, se tudo é nada? Um raio de sol, uma nuvem que a sombra súbita diz que passa, uma brisa que se ergue, o silêncio que se ergue quando ela cessa, um rosto ou outro, algumas vozes, o riso casual entre elas que falam, e depois a noite onde emergem sem sentido os hieróglifos quebrados das estrelas. (*LD*, 167, p. 180-1).

Observamos, também, a sutileza da escrita soariana, que pode ser olhada pelas lentes da metafísica e por tantos outros filtros e graus. Face aos fragmentos acima, podemos ilustrar esses aspectos de desintegração tanto da obra, quanto do sujeito que a redige, através da seguinte abordagem:

[...] Ora, o *Livro do desassossego* lança uma névoa sobre essas questões. É uma obra de limites indefinidos de ordem incerta, assinada por um autor fantasmático que não alcança a individuação, que se parece aos bocados, com todos os outros do conjunto Pessoa sem ser, entretanto, identificável a nenhum deles. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 286).

A imensidão que compõe este *conjunto-Pessoa*, cujo espólio já soma cerca de setenta *heterônimos-escretores*, três figuras atraem maiores atenções, devido às suas obras terem sido concluídas, com tendências literárias mais identificáveis. Esta tríade é composta pelos heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Para cada um deles, Pessoa elaborou um conjunto descritivo, incluindo dia de nascimento, de morte e mapa astral.

Em uma correspondência destinada a Adolfo Casais Monteiro, o escritor português elabora uma espécie de diagnóstico para o seu processo de desdobramento heteronímico e fala um pouco sobre a gênese dos seus heterônimos, na qual relata, em 13 de janeiro de 1935, ano de sua morte:

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – materializam-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. [...] nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia [...] (PESSOA, 1998, p. 95).

Quanto ao processo de semi-heteronímia, destaca-se Bernardo Soares. Homem simples, que viveu modestamente na cidade de Lisboa, trabalhando como assistente contábil em um comércio de tecidos. “Conheceu” Fernando Pessoa em uma casa de pasto chamada *Pessoa*. O escritor português descreve Soares como seu “colega vespertino de restaurante” (PESSOA, 1999, p. 40), ao escrever o prefácio do *LD*, fala sobre o semi-heterônimo como um ente que:

Nunca teve que se defrontar com as exigências do estado ou da sociedade. Às próprias exigências dos instintos ele se furtou. Nada o aproximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o único que, de alguma maneira, estive na intimidade dele. Mas – a par de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca ele me teve realmente por amigo – percebi sempre que ele alguém havia de chamar a si para lhe deixar o livro que deixou. Agrada-me pensar que, ainda que ao princípio isto me doesse, quando o notei, por fim vendo tudo através do único critério digno de um psicólogo, fiquei do mesmo modo amigo dele e dedicado ao fim para que ele me aproximou de si – a publicação deste seu livro. Até nisto – é curioso descobri-lo – as circunstâncias, pondo ante ele quem, do meu carácter, lhe pudesse servir, lhe foram favoráveis. (PESSOA, 1999, p. 40-1).

Podemos relacionar algumas proximidades entre Pessoa e Soares, tais como: a infância e a orfandade; o tipo de moradia e estilo de vida modesta; o isolamento do ambiente social comum; a solidão; a condição de ter “vivido sempre

com uma falsa personalidade sua” (PESSOA, 1999, p. 41), o compromisso com a escrita, que os tornou seres à parte de certas convenções sociais, inclusive, ambos dedicaram-se às atividades empregatícias que não viessem a interferir na rotina de suas produções intelectuais. Enfim, são algumas vias de convergências e de *desassossegos* encontrados entre Pessoa e Soares.

Bernardo Soares não é Fernando Pessoa, mas, ao mesmo tempo, pode sê-lo, juntamente com os demais heterônimos, posto que Soares tornou-se conhecido como um semi-heterônimo. Ele apresenta um discurso híbrido, que denota relações íntimas com as múltiplas vozes criadas por Pessoa.

Ao nos aproximarmos de Soares e do seu diário íntimo, podemos ter uma ideia acerca da sua constituição, a partir de como Pessoa o descreve. O semi-heterônimo é uma espécie de mutilação do escritor português. Não tem vida própria. Ele é um contemplador e, por abdicação, descreve o que observa. Seu universo é o do sentir *versus* o pensar. Ele vive e, ao mesmo tempo, não existe. É *por* ele que Pessoa escreve o *LD* composto *por* Bernardo Soares. Desta preposição (*por*) podemos ir mais além, diante dos significados que dela podem emanar e que estão plenos nas entrelinhas de um *desassossego* de alta criatividade, o qual promove novas formas de se olhar para as experiências subjetivas do ser humano diante de um mundo objetivado, porém, fragmentado.

Vários aspectos nos levam a pensar que o *LD* parece ter sido um projeto de vida para Fernando Pessoa. Dentre eles, o de não ter sido concluído e escrito incessantemente por

mais de duas décadas. Pessoa deixou vários escritos relativos ao *Livro*. Através de cartas, ele registrou sua relação com a escritura em processo do seu *desassossego*. Vejamos alguns excertos do LD (1999, p. 502-3) de suas correspondências destinadas a Armando Cortes-Rodrigues:

... Nada tenho escrito que valha a pena mandar-lhe. Ricardo Reis e Álvaro futurista – silenciosos. Caeiro perpetrador de algumas linhas que encontrarão talvez asilo num livro futuro. ... O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao ‘livro’ do mesmo; de facto tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai pois complexamente e tortuosamente avançando. (2 de setembro de 1914).

[...]

O meu estado de espírito actual é de uma depressão profunda e calma. Estou há dias ao nível do *Livro do Desassossego*. E alguma coisa dessa obra tenho escrito. Ainda hoje escrevi quase um capítulo todo. (4 de outubro de 1914).

[...]

Ao meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos. (19 de novembro de 1914).

Podemos observar que o LD parece extrair Pessoa de si mesmo, denotando um processo “doentio”, involuntário e compulsivo. Adiante, o escritor deixa-se transparecer

de modo mais coordenado, em função de organizar suas publicações e fala a João Gaspar Simões (1999, p. 503-4):

Primitivamente, era minha intenção começar as minhas publicações por três livros, na ordem seguinte: (1) *Portugal*, que é um livro pequeno de poemas (tem 41 ao todo), de que o *Mar Português* (*Contemporânea* 4) é a segunda parte; (2) *Livro do Desassossego* (Bernardo Soares, mas subsidiariamente, pois que o B.S. não é um heterónimo, mas uma personalidade literária); (3) *Poemas Completos de Alberto Caeiro* (com o prefácio de Ricardo Reis, e, em posfácio, as *Notas para a Recordação* do Álvaro de Campos). Mais tarde, no outro ano, seguirá, só ou com qualquer livro, *Cancioneiro* (ou outro título igualmente inexpressivo), onde reuniria (em Livros I a III ou I a IV) vários dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificáveis salvo de essa maneira inexpressiva. Sucede, porém, que o *Livro do Desassossego* tem muita coisa que equilibrar e rever, não podendo eu calcular, decentemente, que me leve menos de um ano a fazê-lo. E, quanto ao Caeiro, estou indeciso... (28 de Julho de 1932).

Diante destes trechos, possivelmente, podemos nos aproximar um pouco mais da voz de Fernando Pessoa, ele mesmo. Foi pensando nisso que extraímos esses fragmentos para que o leitor tenha uma ínfima ideia de como se processava o modo inventivo pessoano e a relação dele com amigos e heterónimos.

Face ao exposto, observamos que, mesmo diante da riqueza do espólio pessoano, não se torna possível vislumbrar uma ordem definitiva para um livro que não teve um autor que apresentasse uma identidade real, posto que Soares *sobreviveu* em constantes desdobramentos de personalidades inscritas nas linhas de seu *desassossego*.

Evangelho por escrever no fazer **literário de Bernardo Soares**

A glória nocturna de ser grande não sendo nada! A majestade sombria de esplendor desconhecido... E sinto, de repente, o sublime do monge no ermo, e do eremita no retiro, inteirado da substância do Cristo nas pedras e nas cavernas do afastamento do mundo. (*LD*, 4, p. 49).

Como vimos, o *LD* (ao longo dos seus 481 fragmentos) sugere uma instigante matéria contemplativa e passível de análises, as quais podem revelar algum ponto de convergência que impulse modos de organização de mundo, na visão de Pessoa e *composta* por Bernardo Soares.

Contudo, vale ressaltar que “[...] Não se pode fixar uma estrutura das virtudes, pois são apenas valores parasitas; mas pode-se mais facilmente apontar uma ordem na desordem da *realia*.[...]” (BARTHES, 2004, p. 96. Grifo do autor). Desse mesmo modo, aproximamo-nos do *desassossego* soariano. Ora observamos um clamor de uma alma agitada pelas transformações interiores e exteriores ao ser, ora vemos uma postura revoltada e devotada a um fazer, com ar despretenhioso, mas revelador de uma força motriz, que busca certa

ordenação. É um exercício de labor, que exige abdicação, dedicação e meditação, como o próprio Soares confessa:

Viver uma vida desapaixonada e culta, ao relento das idéias, lendo, sonhando, e pensando em escrever, uma vida suficientemente lenta para estar sempre à beira do tédio, bastante meditada para se nunca encontrar nele. Viver essa vida longe das emoções e dos pensamentos, só no pensamento das emoções e na emoção dos pensamentos. [...] Ser isto com um conhecimento seguro, nem alegre nem triste, reconhecido ao sol do seu brilho e às estrelas do seu afastamento. Não ser mais, não ter mais, não querer mais... (LD, 45, p. 79).

Logo, não poderíamos pensar em um fazer que se relacione a uma espécie de sacerdócio? Um sacerdócio que exigiu um projeto de vida abdicada e esmero para com a posteridade, sem, aparentemente, ocupar-se de uma possível fama literária.

O projeto clássico de “equilibrar e rever” o conjunto [...] nunca seria realizado, e o adjetivo “composto”, no rascunho de título do *Livro* [...] soa como irônico. Malgrado suas resistências e nostalgias, Bernardo Soares é um escritor de nosso tempo sem Deus [...] e, conseqüentemente, sem Obra. A Bíblia é o modelo do Livro doravante impossível; a Retórica, o conjunto de regras de um livro eventual: “Como outros podem ler trechos da Bíblia, leio-os desta Retórica. Tenho a vantagem do repouso e da falta de devoção”. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 282-3).

Ao fazer remissão ao *LD*, atribuindo-lhe dados que podem ser relacionados com uma espécie de evangelho, Perrone-Moisés afirma que, a partir da leitura soariana, observamos um olhar que se lança para um campo, no qual um “infinito constelado recolhe-se e restringe-se às estrelas negras do tinteiro”. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 283).

Desse modo, o escritor do *LD* se submete ao sacerdócio para escrever seu *evangelho* diário, pulverizado de reflexões, as quais fazem o leitor, a cada entrelinha, erguer a cabeça, refletir e em seguida voltar a se debruçar sobre as linhas de um *desassossego* que, por vezes, busca promover um sossego através das sentenças carregadas de valores. Nessa experiência e movimentos de leitura (e de cabeça), lembramos de um motivo barthesiano que não passa despercebido, ao entrarmos em contato com o *LD*, pois ele promove o seguinte questionamento e vivência através da sua leitura:

Nunca vos aconteceu, ao ler um livro, interromper constantemente a vossa leitura, não por desinteresse, mas, pelo contrário, por afluxo de idéias, de excitações, de associações? Numa palavra, não vos aconteceu *ler levantando a cabeça*? (BARTHES, 1984, p. 27).

Observamos que, muito embora o livro de Soares possa ser abordado por seus traços niilistas, não é essa nossa preocupação, mas a atitude comportamental desse simulacro

de autor, que renuncia à plenitude, mesmo que demonstre falsear essa renúncia:

Uma tristeza de crepúsculo, feita de cansaços e de renúncias falsas em tédio de sentir qualquer coisa, uma dor como de um soluço parado ou de uma verdade obtida. Desenrola-se-me na alma desatenta esta paisagem de abdicações – áleas de gestos abandonados, canteiros altos de sonhos nem sequer bem sonhados, inconsequências, como muros de buxo dividindo caminhos vazios, suposições, como velhos tanques sem repuxo vivo, tudo se emaranha e se visualiza pobre no desalinho triste das minhas sensações confusas. (*LD*, 47, p. 81).

A partir destes fragmentos, voltamos a um pensamento barthesiano, o qual se aplica à leitura reflexiva proporcionada pelo *desassossego* soariano, quando o autor francês diz que, ao abrir um texto, o fundamental não é se ocupar em atribuir-lhe uma chave ou sistema de leitura para interpretá-lo livremente, experiência esta que o *desassossego* não promove tão facilmente. Para Barthes (1984), o importante é,

[...] sobretudo e muito mais radicalmente, forçar o reconhecimento de que não existe verdade objectiva ou subjectiva da leitura, mas apenas uma verdade lúdica; todavia o jogo não deve ser compreendido como distração, mas como um trabalho – do qual contudo o esforço se tivesse evaporado; ler é fazer trabalhar o nosso corpo (desde a psicanálise que sabemos que este corpo excede em muito a nossa memória e a nossa consciência) [...] (p. 28-9).

E, nesse espaço de fruição, o nosso corpo trabalha e fica *desassossegado* de tanto “ler levantando a cabeça”. A cada pensamento expresso por Soares, surgem novas reflexões, questionamentos, desassossegos que se enveredam para além do exercício puro e simples da leitura do *LD*.

Quando estudamos o projeto literário pessoano, ficamos atônitos com o volume de sua produção e com o fato de ele não se fazer reconhecer através da materialização de suas obras. Fernando Pessoa falou por outros. Entretanto, podemos pensar, também, que o escritor português fez com que outros falassem por ele. Sua voz é múltipla e ecoa para um infinito de possibilidades de leituras, porque não temos a justa certeza de quem é a voz que fala na escritura fragmentária do *LD*, aqui em particular.

Contudo, no *desassossego* soariano há uma espécie de morte em vida, uma passividade contínua de entrega a um labor que soçobra as muitas *personas* de Pessoa, pois relembramos o quanto há de hibridismo na fala do semi-heterônimo com os demais heterônimos, com Pessoa, ele mesmo e com outras vozes que pairam em um inconsciente coletivo. Desse modo,

Écrire son autobiographie soit pour s'avouer, soit pour s'analyser, s'exposer aux yeux de tous, à la façon d'une œuvre d'art, c'est peut-être chercher à survivre, mais par un suicide perpétuel – mort totale en tant que fragmentaire.

S'écrire, c'est cesser d'être pour se confier à un hôte – autrui, lecteur – qui n'aura désormais pour charge et pour vie que votre inexistence (BLANCHOT, 1980, p. 105) ².

Diante do exposto, constatamos mais um dado na escritura de soariana, que é a *autobiografia sem factos* de um simulacro de autor. Um ser depressivo, que se confessa dia a dia, num diário que revela um homem de alma estilhaçada, com pensamentos contraditórios, interruptos e infundáveis. Sobre os estados de alma do autor do *LD* e do seu *evangelho por escrever*, voltamos a destacar:

E na mesa do meu quarto absurdo, reles, empregado e anónimo, escrevo palavras como a salvação da alma e douro-me do poente impossível de montes altos vastos e longínquos, da minha estátua recebida por prazeres, e do anel de renúncia em meu dedo evangélico, jóia parada do meu desdém extático. (*LD*, 4, p. 49).

É desta forma que Soares discorre sobre seu cotidiano, num *caderno de impressões*. Como um observador, sempre à distância, ele busca relatar suas experiências numa

2 Escrever sua autobiografia, seja para se confessar, seja para se analisar, expor-se aos olhos de todos, como uma obra de arte é, talvez, buscar uma sobrevivência, mas por meio de um suicídio perpétuo – morte total enquanto fragmentária.

Escrever-se é deixar de ser para se confiar a um anfitrião – outrem, leitor – que só terá de agora em diante como carga e vida a vossa existência.

N. B.: Salvo menção ao contrário, as traduções dos trechos citados de originais em francês foram feitas com a colaboração de Márcio Venício Barbosa e Alyanne de Freitas Chacon.

espécie de *livro do mundo*, como se fosse um evangelho. Logo, podemos atribuir um perfil moralista para o semi-heterônimo pessoano. Ao longo dos seus dias, ele expressa sua condição humano-existencial. Parece um filósofo que pensa as causas e os efeitos do (e no) mundo. Por analogia com o que expõe Susini-Anastapoulos (1997), Soares nos dá um *livro da vida*, que pode estar para as experiências por ele mediadas, como também, para um veículo de mediação e reflexão das leituras por virem. Logo, o moralista Soares dá ao leitor seu *vademecum* como uma espécie de condutor para o bem. Vejamos alguns desses possíveis *condutores* de reflexões, através do *LD*:

[...] A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. [...]. (*LD*, 1, p. 45).

Retendo, da ciência, somente aquele preceito central, de que tudo é sujeito às leis fatais, contra as quais se não reage independentemente, porque reagir é elas terem feito que reagíssemos; e verificando como esse preceito se ajusta ao outro, mais antigo, da divina fatalidade das coisas, e curvamo-nos sobre o livro das sensações com um grande escrúpulo de erudição sentida. (*LD*, 1, p. 46).

[...] Mas dizer que o dia está bom é difícil, e o dia bom, ele mesmo, passa. Temos, pois, que conservar o dia bom em uma memória florida e prolixa, e assim constelar de novas flores ou de novos astros os campos ou os céus da exterioridade vazia e passageira. (*LD*, 27, p. 63).

[...] O romancista é todos nós, e narramos quando vemos, porque ver é complexo como tudo. (*LD*, 27, p. 64).

Somos todos escravos de circunstâncias externas: um dia de sol abre-nos campos largos (no meio de um café de viela); uma sombra no campo encolhe-nos para dentro, e abrigamo-nos mal na casa sem portas de nós mesmos; um chegar da noite, até entre coisas do dia, alarga, como um leque [que] se abra lento, a consciência íntima de dever-se repousar. (*LD*, 33, p. 69).

Passar dos fantasmas da fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela. A arte, se nos liberta dos manipansos assentes e abstratos, também nos liberta das ideias generosas e das preocupações sociais – manipansos também. (*LD*, 34, p. 70).

Afora as inúmeras possibilidades de leituras mediadas pelos fragmentos do *LD*, Susini-Anastapoulos (1997, p. 246-7) aborda aspectos das subjetividades dos autores de fragmentos. A partir disso, entendemos que esses escritores se apresentam na forma de um eu, cujos veículos corpo, alma e coração estão sempre à sombra de um cansaço que se inscreve nos seus textos, na forma de um eu exausto e em constante desânimo. Em contrapartida, o autor do fragmento encontra resistência, pelo veículo mental, para desenvolver sua escritura numa espécie de ideal ontológico, o qual atribui um ar de superioridade ao texto fragmentário. Segundo a autora, Pessoa se enquadra nesta categoria, ao escrever um “evangelho do cansaço” (SUSINI-ANASTAPOULOS,

1997, p. 247). Sobre esse eu desencorajado, que se dedicou a um *sacerdócio* do pensar e do escrever, citamos:

[...] Sinto na minha pessoa uma força religiosa, uma espécie de oração, semelhança de clamor. Mas a reacção contra mim desce-me da inteligência... Vejo-me no quarto andar da Rua dos Douradores, assisto-me com sono; olho, sobre o papel meio escrito, a vida vã sem beleza e o cigarro barato que a expender estendo sobre o mata-borrão velho. Aqui eu, neste quarto andar, a interpelar a vida!, a dizer o que as almas sentem!, a fazer prosa como os génios e os célebres! Aqui, eu, assim!... (LD, 6, p. 50).

[...] Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver, que é tão monótona como a mesma vida, mas só em lugar diferente. [...]. (LD, 9, p. 53).

Que há-de alguém confessar que valha ou que sirva? O que nos sucedeu, ou sucedeu a toda a gente ou só a nós; num caso não é novidade, e no outro não é de compreender. Se escrevo o que sinto é por que assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importância, pois nada tem importância. Faço paisagens com o que sinto. Faço férias das sensações. Compreendo bem as bordadoras por mágoa e as que fazem meia porque há vida. Minha tia velha fazia paciências durante o infinito do serão. Estas confissões do sentir são paciências

minhas. Não as interpreto, como quem usasse cartas para saber o destino. [...] (LD, 12, p. 54).

Meditei hoje, num intervalo de sentir, na forma de prosa que uso. Em verdade, como escrevo? Tive, como muitos têm tido, a vontade pervertida de querer ter um sistema e uma norma. É certo que escrevi antes da norma e do sistema; nisso, porém, não sou diferente dos outros. (LD, 84, p. 113).

Face ao exposto, podemos identificar princípios anti-téticos. A cada *trecho-dia* de Bernardo Soares, observamos estados de alma, ideias, filosofias e comportamentos que estão sempre nesse movimento pendular, que é a força motriz da escritura fragmentária. Ela pode ir, também, do sagrado ao profano, uma vez que podemos fazer analogias entre esta “forma” literária e o modo pelo qual a Bíblia foi constituída.

Ao percorrer alguns desses parâmetros, buscamos validá-los através da escritura do LD, visando a estabelecer convergências com a dedicação *sacerdotal* soariana. Reforçamos que o gênero fragmentário apresenta características da dispersão, da disseminação, da evocação de uma perda da(s) parte(s) em face de uma totalidade anterior – no que tange aos princípios axiomáticos dos estilos de época que adotam o recurso da escritura fechada, com início, meio e fim delimitados.

Essa aparente negligência dos escritores de fragmentos parece ser o ponto atrativo das suas escrituras, mesmo que os olhares se apresentem do modo preconceituoso. Logo,

observamos que no *ofício sacerdotal* de Bernardo Soares, podem estar contidas algumas conjecturas do tipo:

[...] Et l'auteur de poursuivre : « Il me semblait que tous les autres titres projetés pouvaient y être retenus à l'état de sous-titres. Aux fragments appartenait peut-être aussi le biographique en tant que fragments de la vie. L'utopique également. » Il faudra revenir longuement sur cette liaison entre le choix de la forme et l'éthos qui toujours le sous-tend. Qu'il s'agisse de simples désignations génériques (*aphorisme, maxime, sentence*, etc.), ou de définitions plus libres qui signalent, par le recours à la métaphore, une sorte de volonté d'innovation générique, les noms du fragment ne nous apprennent rien de décisif sur les textes ainsi identifiés et maintiennent ouverte la question de leurs véritables enjeux. (SUSINI-ANASTAPOULOS, 1997, p. 48).³

São, portanto, pelos fragmentos da vida, pelos traços biográficos que podemos questionar a relação de um evangelho por escrever através da leitura do *desassossego* de Bernardo Soares, que lança seus estilhaços de pensamentos

3 [...] E o autor é que deve prosseguir: “Parecia-me que todos os outros títulos projetados podiam ser mantidos no estado de subtítulos. Aos fragmentos, pertencia, talvez, também, o biográfico enquanto fragmentos da vida. O utópico igualmente.” Será preciso retornar longamente a essa ligação entre a escolha da forma e o *ethos* que sempre o sustente. Quer se trate de simples designações genéricas (*aforismo, máxima, sentença*, etc.), ou de definições mais livres que assinalam, pelo recurso à metáfora, uma espécie de vontade de inovação genérica, os nomes do fragmento não nos ensinam nada de decisivo sobre os textos assim identificados e mantêm aberta a questão de suas verdadeiras intenções.

para se repensar o mundo, o ser, a vida, enfim, o conjunto que compõe macro e microcosmo, mesmo que por vezes, muito do que experimentamos pelo *prazer do texto* soariano possa parecer utópico. Por isso, a questão fica em aberto – como afirma Susini-Anastapoulos –, tal como acontece com o fragmento, pois o humano que está inscrito na literatura do descontínuo é um ser em constante processo metamórfico.

Pela dedicação e abdicação do simulacro de autor do *LD*, podemos validar que:

[...] Itinéraire spirituel et œuvre poétique se présentent donc comme une suite d'épisodes détachés, susceptibles de donner lieu à un nombre quasiment illimité de combinaisons. Élargissant l'interprétation de ce « désordre inachevable » , J. Thélôt estime qu'il signifie, au-delà de la crise subjective, « l'histoire moderne, déplacement et ressassement dans la désertification des lieux, désertion du sens dans l'interminable banlieue du décentrement métaphysique » [...]. (SUSINI-ANASTAPOULOS, 1997, p. 63. Grifos da autora).⁴

4 [...] Itinerário espiritual e obra poética se apresentam então como uma sequência de episódios destacados, suscetíveis de dar lugar a um número quase ilimitado de combinações. Ampliando a interpretação dessa “desordem inacabável”, J. Thélôt estima que ela signifique, além da crise subjetiva, “a história moderna, deslocamento e insaciabilidade na desertificação dos lugares, deserção do sentido na interminável periferia do descentramento metafísico [...]”.

Ora, esse “itinerário espiritual” também se apresenta pleno na vida e obra de Fernando Pessoa. Ele registrou, através de diversas cartas, sua intenção de se dedicar a uma espécie de *evangelho por escrever*, sobre o qual Soares descreve em seu diário íntimo e metafísico. Como exemplo desta “estética da abdicação” para se instalar uma razão sensível pessoana, transcrevemos um trecho de uma carta do escritor português, destinada à Ofélia Queirós, em 29 de novembro de 1920:

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o ran-cor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil.

Que isto de «outras afeições» e de «outros caminhos» é consigo, Ofelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ofelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.

Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha. (PESSOA, 1999, p. 362-3).

Ofélia Queirós ficou conhecida como o grande amor da vida de Pessoa. Eles trocaram inúmeras cartas e muitas delas podem nos remeter ao conhecido verso do poeta: “todas as cartas de amor são ridículas”. Através do enunciatador epistolar que se revela bastante sentimental, podemos entrar em contato com outra face de Pessoa: um homem romântico, que não descuidava do esmero com que escrevia suas correspondências mais íntimas.

Foi através dessa carta que o poeta português rompeu em definitivo sua relação amorosa, em função do seu *sacerdócio*. Lembramos que é consabido seu envolvimento com vertentes espiritualistas, esotéricas, místicas, etc.

Em relação ao *corpus* literário soariano, podemos percorrer esse “itinerário espiritual”, mediante alguns fragmentos extraídos do *LD*, os quais emergem do *evangelho por escrever* e de uma total entrega, assumida pelo próprio Bernardo Soares:

Sou como alguém que procura ao acaso, não sabendo onde foi oculto o objecto que lhe não disseram o que é. Jogamos às escondidas com ninguém. Há, algures, um subterfúgio transcendente, uma divindade fluida e só ouvida.

[...]

Cada um tem a sua vaidade, e a vaidade de cada um é o seu esquecimento de que há outros com alma igual. A minha vaidade são algumas páginas, uns trechos, certas dúvidas...

Releio? Menti! Não ousa reler. Não posso reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não compreendo nada... (*LD*, 63, p. 97).

[...]

Choro sobre as minhas páginas imperfeitas, mas os vindouros, se as lerem sentirão mais com o meu choro do que sentiram com a perfeição, se eu a conseguisse, que me privaria de chorar e portanto até de escrever. O perfeito não se manifesta. O santo chora, e é humano. Deus está calado. Por isso podemos amar o santo, mas não podemos amar a Deus. (LD, 64, p. 97-8).

Eis uma ínfima demonstração do que se procede na escritura diária de Soares. A partir desses fragmentos, buscamos validar o que Susini-Anastapoulos (1997. p. 63) relaciona ao “itinerário espiritual” mediante os traçados desta poética, cuja ordem e finalização inexistem.

No diário íntimo soariano, entramos em contato com um indivíduo que, em crise, busca, através da escritura fragmentária, simbolizar sua existência objetiva e subjetiva diante do mundo. Ele pensa, medita, reflete, critica, elabora e, a partir disso, deixa-se transbordar – pelo seu fazer literário – em movimentos antagônicos que, por vezes, promovem diferentes inversões de valores, podendo (ou não) culminar num processo caótico, na via das análises literárias.

Sobre isso, Barthes (2004) elabora um pensamento conclusivo sobre a prática regular do fragmento e, em seguida, a prática da escritura diarista, como produtos do esgotamento dos recursos dissertativos (“da dissertação destruída”). Desse modo, a escritura fragmentária ganha aderência de vários autores que, aparentemente, são

despretensiosos de reconhecimento imediato. Segundo o crítico francês, a prática do fragmento exige um esforço clandestino e voluntário. Aspecto que converge com o estudo de Susini-Anastapoulos:

La dissimulation du journal par le recueil de fragments ou le glissement de l'un vers l'autre, sont grandement facilités par leur affinité morphologique et par leur vocation cummune à être « écriture du sujet ». C'est ainsi que R. Barthes a mis en évidence la dérive irrésistible de ses fragments vers le journal, alors même qu'il avait pleinement conscience du relatif discrédit frappant de nos jours le diarisme. Par le biais fragmentaire et comme clandestinement, il aurait cherché à rejoindre l'exercice gidien du Journal qui, de son propre aveu, fut sa « langue originelle », sa « soupe littéraire » [...] (SUSINI-ANASTAPOULOS, 1997, p. 73. Grifos da autora.).⁵

Ao dialogar com Barthes e Susini-Anastapoulos, podemos voltar o olhar mais apurado para o *LD*, visando a ratificar o que dissemos em relação às formas de dedicar as ações diárias visando a promover a criação de obras que não

5 A dissimulação do diário pela antologia de fragmentos ou o deslizamento de um para o outro são enormemente facilitados por sua afinidade morfológica e por sua vocação comum para ser “escritura do sujeito”. Foi assim que R. Barthes pôs em evidência a deriva irresistível de seus fragmentos na direção do diário, enquanto ele tinha plenamente consciência do relativo descrédito surpreendente dos nossos dias acerca do diarismo. Pela via fragmentária e, clandestinamente, ele teria procurado ligar-se ao exercício gidieno do Diário que, segundo ele mesmo confessa, foi sua “língua original”, sua “sopa literária” [...].

teriam, de imediato, o seu reconhecimento como obra literária. E, no caso do livro de Soares, pensamos em um labor que configura um evangelho *por* escrever, que ficou em uma obra *por* vir, através de um livro composto *por* Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.

[...] Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-ser e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir, ao escrever, estamos num devir-mulher, num-devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. Esses devires encadeiam-se uns aos outros, segundo uma linhagem particular [...] (DELEUZE, 1997, p. 11).

Assim como afirma Deleuze, face ao universo fragmentário, nada se encerra numa redoma de conceitos preestabelecidos. Tudo está em processo, num devir incessante.

Diante disso, olhamos para a *não-pessoa* de Bernardo Soares e constatamos que ele está praticamente inteiro nesse processo de devir deleuziano. Ora, o *LD* ficou inacabado e, portanto, num caso de devir. O simulacro de autor extravasou “qualquer matéria vivível ou vivida”. Enfim, sua escrita não se separa do devir, inclusive do “devir-imperceptível”, pois Soares é um escritor fantasmático. Ele escreveu um livro que não ganhou uma versão enquanto vivia ao lado de Pessoa. Do mesmo modo, como semi-heterônimo pessoano, não era matéria física. Ele foi e continua sendo puro devir.

Coincidentemente, a preposição *por* nos conduz a algumas reflexões sobre o porquê de Pessoa atribuir a autoria do *LD* a Bernardo Soares, bem como formular o título como *Livro do Desassossego*: composto *por* Bernardo Soares. Ora, a preposição proporciona uma contração de termos e, analogamente, pensamos numa aproximação de sentidos para a *contração* semi-heteronímica e para a *composição* Pessoa-Soares. Tomando-se o *por*, também, no sentido de uma *pré-posição*, que promove atos ou efeitos do que se expõe antes ou adiante, observamos que esse *por* tem a possibilidade de arremessar, simbolicamente, o *LD* para movimentos incessantes de devir. Enfim, são vários movimentos ininterruptos que envolvem a escritura fragmentária do *LD*.

Em textos curtos, podemos observar a concentração de pensamentos que, paradoxalmente, se estendem e abrem ideias, seguindo hipérboles infinitas. São verdadeiros portais para inúmeras reflexões, através de um recurso puramente linguístico, cuja precisão é perfeitamente adequada à abstração, que por sua vez é inerente à natureza humana.

Constatamos que, no campo da escritura fragmentária, nada se estabelece, posto que ela se apresenta como um terreno movediço para se ancorar em pilares teóricos mais concretos. Todavia, não é um terreno movediço que conduz à derrota ou à perdição, mas estabelece o sentido de espaço em movimento, no qual a produtividade se projeta ao infinito, estabelecendo para o leitor do *desassossego* pessoano um campo de visão que vai do desenho de seu tinteiro à infinita indiferença dos astros, ou do *desastre* de um livro que nunca se fecha.

Referências

BARTHES, Roland. La Rouchefoucauld: reflexões ou sentenças e máximas. In: _____. **O grau zero da escrita**. Tradução de Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 79-103.

_____. **O rumor da língua**. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984.

BLANCHOT, Maurice. **L'écriture du désastre**. Paris: Éditions Gallimard, 1980.

CUNHA, Teresa Sobral. Nota prévia. In: PESSOA, FERNANDO. **Livro do Desassossego**, por Vicente Guedes; Bernardo Soares. Leitura, fixação de inéditos, organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Porto: Editorial Presença. 1990. v. 1.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. **Correspondência: 1905-1922**. Manuela Pereira da Silva (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Obras em prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

QUADROS, António. **Fernando Pessoa.** 2. ed. Lisboa: Editora Arcádia,[s/d]. (Coleção A Obra e o Homem).

SENA, Jorge de. Introdução ao Livro do Desassossego. In: FERNANDO pessoa & C^a heteronímia. (Estudos coligidos 1940-1978). 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 176-242.

SUSINI-ANASTAPOULOS, Françoise. **L'écriture fragmentaire:** définitions et enjeux. 1. ed. Paris: Universitaires de France, 1997.

ZENITH, Richard. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego:** composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 13-36.